

# 08

## **A informática para o ensino-aprendizagem coletivo de instrumentos musicais no Ensino Médio: um relato de experiência**

Juliana Rocha de Faria Silva<sup>1</sup>

### **Resumo**

Este artigo descreve um relato de experiência em aulas de Música auxiliada por vídeos. Esses vídeos contêm o passo a passo para o aprendizado de um instrumento musical em uma determinada música. O relato conta como foi realizada a proposta pedagógico-musical, cujo objetivo foi o ensino coletivo de instrumento musical em grupo, com alunos do Ensino Médio de uma instituição de educação profissional. Da experiência são ressaltados aspectos da pedagogia de parceria, na qual o aluno passa a ter o papel do professor, vai em busca da sua autonomia no aprendizado, e também dos caminhos metodológicos para o professor de Música que atua no contexto escolar. Os resultados destacam a aprendizagem com os pares, ou seja, os alunos aprendem e ensinam entre si. Os alunos que assumem a liderança são aqueles que se tornam modelos para os demais, pois mostram como executar a música no instrumento, corrigem erros e sugerem caminhos para aqueles que experimentam pela primeira vez a prática musical via instrumentos musicais e canto. A inversão dos papéis entre professores e alunos e a formação continuada de professores de Música via tecnologias da informação e da comunicação são os aspectos relevantes que ressaltam deste relato de experiência.

**Palavras-Chave:** ensino-aprendizagem de Música, videoaulas, Educação Básica.

### **Abstract**

This article describes an experience report in Music lessons aided by videos. These videos contain step by step to learning a musical instrument in a particular song. The story tells how the pedagogical and musical proposal was carried out whose objective was the collective teaching musical instrument in a group with high school students at a vocational education institution. The experience highlights aspects of partnership pedagogy, in which the student acquires the role of the teacher, goes in search of its autonomy in learning, and also the methodological approaches to the music teacher who works in the school context. The results highlight the learning with peers, that is, students learn and teach each other. Students who take the lead are those who become models for others, they show how to perform the song on the instrument, correct errors and suggest ways for those who experience the first time the musical practice via musical instruments and singing. The reversal of roles between teachers and students and the continued training of music teachers via information and communication technologies are important aspects that highlight this report.

**Keywords:** teaching and learning music, video classes, Basic Education.

---

<sup>1</sup>Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília. [juliana.silva@ifb.edu.br](mailto:juliana.silva@ifb.edu.br).

## 1. Introdução

O ensino e aprendizagem da Música<sup>1</sup> é um desafio para os professores que atuam na educação básica. Atender às expectativas dos alunos que anseiam se engajar com a prática musical propriamente dita – tocar um instrumento musical e/ou cantar – é um desafio para esse professor. Ensinar música musicalmente, como é proposto pelo educador musical Keith Swanwick (2003), é algo que requer do professor, seja ele músico ou não, reconhecer a música integrada ao contexto social e cultural em que a sua teoria e a prática devem se responsabilizar por essa contextualização da música e do fazer musical. Os educadores que se utilizarão da música em suas aulas devem ter, por conseguinte, uma fundamentação teórica que una as ações de produzir música com os seus vários contextos para que o significado musical inclua todas as funções humanizadoras e concretas da música.

Tocar um instrumento musical ou cantar uma música é a expectativa dos adolescentes e jovens do Ensino Médio. Desde o avanço tecnológico que permitiu o registro da música em “suporte físico”, tornando possível copiá-la e reproduzi-la, transformou sua produção, distribuição e recepção. Com a promulgação da lei 11.769/2008, o ensino de Música tornou-se obrigatório em todos os níveis da Educação Básica. A regulamentação dessa Lei, prevista para outubro de 2011, trouxe a exata dimensão do desafio que nos espera: de que modo e com quais metodologias e/ou tecnologias poderemos vencer o desafio de ensinar música a 50 milhões de crianças e adolescentes?

Desde então, várias iniciativas têm buscado contribuir para a discussão da Música na escola. Um exemplo disso é o projeto Música na Escola, que apresenta uma proposta híbrida de aprendizado que inclui aulas presenciais e virtuais por meio de um sistema integrado de ensino-aprendizado lúdico-musical em um sítio na Internet<sup>2</sup>. É um portal interativo e de rede social que disponibiliza um sistema de tutoriais de vídeo específico, com os conteúdos a serem apreendidos para o projeto, jogos lúdico-musicais, um sistema de

videoaula e videoconferência com multipontos para aulas virtuais em tempo real, editor de partituras *on-line*, e outros programas e produtos que contribuem para o aprendizado de conteúdos musicais. O projeto Música na Escola pretende contribuir para o aperfeiçoamento dos processos de monitoramento da aprendizagem de conteúdos musicais a distância e na formação de professores, monitores e alunos em processos que envolvam políticas públicas de inclusão musical, incentivando-os a participarem criativamente e de forma crítica da humanização das tecnologias e da sensibilização musical pela arte. A razão de existir desse projeto deve-se ao engajamento político de seus coordenadores na luta pela volta da música nas escolas.

Como a atualidade pressupõe o avanço tecnológico com as mudanças sociais, culturais, educacionais, econômicas, políticas e as relações entre seres vivos e computadores (SANTAELLA, 2003), iniciativas como essa alinham-se à estas transformações tecnológicas. Em se tratando dos contextos educacionais, há a necessidade de integrá-los às mídias atuais, que abrem espaço a novas possibilidades pedagógicas. Para isso, tornar a aprendizagem e a atuação dos alunos mais interessantes em contextos educacionais, deve-se favorecer um trabalho fundamentado nas ideias que eles desenvolvem com o uso dos recursos tecnológicos (MARTINS, 2003).

Um exemplo de mídia em uso por diferentes usuários de computador é o vídeo. Estudos mostram que os adolescentes buscam música no seu formato multimídia, como é o caso do *YouTube*, pois, além de ser uma das tecnologias mais usadas, serve para vários propósitos educativos, que envolvem a prática da música (LAPLANTE, 2011; STOWELL; DIXON, 2011). Pesquisas nacionais demonstram os benefícios da utilização de vídeos para o ensino de piano em grupo, com crianças, e para o coletivo de instrumento em grupo à distância, além de ser relevante para o processo de aprendizagem musical de autodidatas (SALLES; SILVA, 2012; RIBEIRO, 2010; GOHN, 2002). O uso de conteúdo audiovisual, por meio de vídeos, permite a aprendizagem pela observação da prática e constitui-se em uma ferramenta de potencialização dos espaços e tempos de aprendizagem, pois substituem parcialmente a necessidade da presença física do professor no local do estudo individual do aprendiz.

Duas pesquisas, uma qualitativa e outra quantitativa,

<sup>1</sup> Música em letra maiúscula significa uma área de conhecimento, uma disciplina. No Ensino Médio, essa disciplina é um conteúdo obrigatório, não-exclusivo, do ensino de Arte. A Música se tornou obrigatória pela promulgação da lei 11.769, de 18 de agosto de 2008, que acrescentou à Lei de Diretrizes e Bases do Ensino Básico (Lei 9394/1996) sua obrigatoriedade nos diversos níveis da educação básica. É componente curricular que compõe uma das áreas de conhecimento – Artes – do bloco Linguagens, Códigos e suas Tecnologias.

<sup>2</sup> <http://www.musicanaescola.unb.br>

foram realizadas com alunos do Ensino Médio dessa mesma instituição onde este relato de experiência aconteceu. Em 2012, foram realizadas entrevistas com 12 alunos, dos quais, 10 deles, relataram buscar vídeos para auxiliar o seu aprendizado individual de música. Em 2013, um estudo de usuários<sup>3</sup> com a utilização de um questionário envolveu 86 alunos. Dos 55 % que relataram buscas por músicas via vídeos, 21% sempre aprendem e 38% quase sempre aprendem um instrumento musical (incluindo o canto) com o auxílio de videoaulas encontradas na internet. Este artigo, portanto, é o relato da experiência das aulas de Música do 2º ano do Ensino Médio em uma instituição de ensino profissional, que teve como ponto de partida o uso de videoaulas para o ensino-aprendizagem coletivo de instrumentos musicais e canto. Esse relato se baseou em um plano de ensino que teve como objetivo principal compreender as características musicais e extramusicais dos estilos/gêneros de músicas preferenciais dos alunos. A ementa desse plano foi conhecer a história de grupos musicais, bandas e cantores e compreender o contexto de produção, disseminação e recepção dos estilos/gêneros musicais. Além disso, vivenciar os elementos da música presentes nos estilos/gêneros musicais por meio da apreciação e *performance* musicais.

## 2. Referencial teórico

Neste trabalho, tecnologia é entendida como metodologias, competências, capacidades e conhecimentos necessários para realizar tarefas produtivas e não inclui apenas os produtos artificiais fabricados pela humanidade. Além disso, envolve a interação de diferentes agentes e processos sociais, pertencendo e atuando em um meio o qual sofre influências e é modificado (VERASZTO *et al.*, 2008). A proposta para as aulas de Música é sustentada por dois tripés: da aprendizagem musical informal e da pedagogia de parceria (*peer pedagogy*). Em se tratando do atendimento a grupos de alunos pertencentes a um Curso Técnico de Agropecuária integrado ao Ensino Médio, como cumprimento da carga horária da disciplina Artes, a proposta prática deste relato enfatizou o ensino coletivo de

3 Estudos de usuários são empregados para analisar qualitativa e quantitativamente os hábitos de informação dos usuários. A abordagem centrada no usuário, que foi utilizada no estudo com alunos do Ensino Médio, objetivou o estudo do comportamento desses usuários, considerando-os como indivíduos ativos e orientados pela situação, com suas experiências e individualidades, bem como os aspectos cognitivos envolvidos na sua busca e no uso da informação.

instrumentos musicais e canto, o qual Bastien (2009) destaca a importância da prática e *performance* musicais para o desenvolvimento das competências sociais fundamentais na formação do indivíduo. A proposta pedagógica das aulas teve como ponto de partida o projeto de Green (2008) que, além de propor estratégias para o ensino coletivo, insere as práticas informais de aprendizagem para a educação musical formal. Esse projeto faz parte de um programa nacional de Educação Musical, na Inglaterra, chamado *Musical Futures*, que resulta de estratégias de ensino e fontes curriculares já disponíveis para o uso dos professores<sup>4</sup>. A autora o apresenta em seu livro *Music, informal learning and the school: a new classroom pedagogy* com uma análise mais detalhada e teórica da experiência do referido projeto, em que destaca como os processos de ensino e aprendizagem ocorrem, o porquê disso e quais são os benefícios e as mudanças que o projeto pode oferecer à Educação Musical<sup>5</sup>.

O projeto discute ações pedagógicas e atitudes para pensar como os processos de ensino e aprendizagem na aula de música poderiam corresponder ao mundo das práticas de aprendizagem da música popular fora da escola, a fim de reconhecer, promover e incorporar variadas habilidades e conhecimentos que não têm sido enfatizados na educação musical formal. Investiga também como essas práticas informais podem afetar os processos de aquisição das habilidades e dos conhecimentos e as maneiras dos alunos ouvirem, entenderem e apreciarem música dentro e fora da sala de aula. Nesse sentido, a pesquisadora levanta questões sobre a motivação do aluno com respeito à música, sua autonomia como aprendiz e sua capacidade de trabalhar cooperativamente com os seus colegas, sem instruções guiadas pelo professor. Para mais bem compreender e diferenciar as práticas de aprendizagens informais e o ensino de música formal, a tabela 1 destaca cinco características de aprendizagem que fazem parte do cotidiano dos músicos populares, que também são percebidas nos alunos do Ensino Médio, traçando um paralelo que os distingue daquelas práticas que são encontradas na educação musical formal que são exercidas nos

4 Disponível no site: [www.musicalfutures.org/PractitionersResources.html](http://www.musicalfutures.org/PractitionersResources.html).

5 O projeto de Green (2008) é relevante e objeto de discussões e pesquisas na Educação Musical. Ver artigos do volume oito da revista online *Action Criticism and Theory for Music Education* e da edição especial de 2010 do *British Journal of Music Education*, que debatem a aplicação desse projeto em outros contextos, envolvendo o emprego das práticas informais na educação musical formal.

contextos escolares:

Tabela 1. Quadro comparativo das práticas informais e ensino formal de música

Práticas informais de aprendizagem musical de músicos populares	Os processos de aprendizagem da Educação Musical formal
Aprender a música que é escolhida de acordo com a preferência pessoal, que é familiar e com a qual apreciam e se identificam fortemente;	Introduzir o aluno em músicas que frequentemente são novas e desconhecidas, e normalmente escolhidas pelo professor;
Aprender ouvindo gravações e copiando as músicas de ouvido;	Aprender por meio de notação musical ou de outros comandos escritos ou verbais;
Aprender ao lado de amigos por meio de conversas sobre música; estímulo dos pares/ colegas; ouvindo, assistindo ou imitando o outro e geralmente sem a supervisão de um adulto;	Aprender por meio da instrução de um especialista ou a supervisão de um adulto;
Assimilar habilidades e competências pessoais, muitas vezes de maneira casual ou de acordo com as preferências musicais, começando com peças de músicas de todo o "mundo real";	Aprender a sequência de uma progressão de processos do mais simples ao mais complexo, envolvendo especialmente a execução de músicas de outros compositores, um currículo ou um programa gradual (de níveis iniciais, intermediários e avançados);
Manter uma estreita integração entre ouvir, tocar, improvisar e compor em todo o seu processo de aprendizagem.	Especializar gradualmente nas habilidades de ouvir, tocar, improvisar e compor; muitas vezes tendendo a enfatizar a reprodução mais que as habilidades criativas.

Fonte: GREEN; WALMSLEY, 2006 (tradução nossa).

As mudanças trazidas pelas tecnologias na escola geraram transformações no processo de ensino e aprendizagem na educação formal. Para Ficheman (2003), os jovens e adolescentes têm se beneficiado da disseminação e do acesso às mídias digitais, pois têm contato com essas tecnologias na escola, em casa, nos shoppings e nos diversos espaços com rede *wireless* onde podem interagir em plataformas fixas ou móveis. A geração dos jovens que nasceram e cresceram no contexto das tecnologias digitais desenvolvem um pensamento não linear, acostumado à velocidade e à interatividade, e transitam com fluência no universo digital, executando tarefas simultâneas, navegando por *hyperlinks* e usando os recursos tecnológicos para se comunicarem e se divertirem.

Introduzir novas tecnologias na escola não melhora o aprendizado automaticamente, porque a tecnologia dá suporte à pedagogia e não o contrário. A tecnologia modifica os papéis de professores e alunos, e não dá apenas suporte às aulas expositivas. Os alunos começam a ensinar a si mesmos com a orientação dos professores. Antes, porém, limitavam-se apenas a ouvir e fazer anotações. O papel do aluno passa a ser de pesquisador, de usuário especializado em tecnologia. O professor passa a ter papel de guia e de treinador. Ele estabelece metas para os alunos e os questiona, garantindo o rigor e a qualidade da produção da classe, e abre mão do papel de controlador para assumir o de guia dos alunos. Isso é o que se pode chamar de pedagogia de parceria (PRENSKY, 2001; 2008).

Destacam-se das pesquisas sobre o tema Ensino Coletivo de Instrumentos Musicais, em que o Canto é incluído, que *i)* a escolha do repertório deve contemplar as preferências do aluno em algum momento para despertar a motivação; *ii)* deve-se trabalhar inicialmente com músicas cifradas (no caso dos instrumentos musicais harmônicos como o violão, o teclado, etc.); *iii)* é necessário reconhecer e executar diferentes ritmos; *iv)* deve haver atendimentos individuais, quando o aluno atingir níveis mais elevados de *performance* no instrumento; *v)* utilizem-se vários métodos que integrem solfejo, prática, leitura, improvisação, acompanhamento, composição, arranjo, apreciação, ensaios e apresentações públicas; *vi)* haja o aprendizado por meio da imitação e da audição; e *vii)* promova o trabalho em pequenos grupos, além do trabalho coletivo via a prática de conjunto, em que todos os

grupos participam da *performance* como um grande grupo musical (MALAQUIAS, 2012; SÁ, 2012; ALVES, 2012; IZAÍAS; BERG, 2012; ZANETINE; BORGES, 2012; ARAGÃO; ARADO, 2012). Desses aspectos ressaltados, os itens *ii*, *iii*, *v* e *vi* podem ser trabalhados por meio de vídeos.

Tendo como pressupostos metodológicos os processos que norteiam a aprendizagem informal e a pedagogia da parceria, o ensino-aprendizagem da música por meio de videoaulas se deu pela utilização de um *notebook*, um projetor multimídia, alguns instrumentos musicais (bateria, violões e teclados).

### 3. Material e Métodos

A metodologia do plano de ensino das aulas de Música para o Ensino Médio é dividida em duas partes: a parte teórica dos conteúdos, ministrada por meio de aulas expositivas e trabalhos em grupo no Laboratório de Informática; e a prática via ensino e aprendizagem de instrumento musical e canto com o uso de vídeos. Os recursos didáticos incluem documentários e filmes sobre os estilos/gêneros musicais, videoaulas que ensinam a tocar música e instrumentos musicais – teclado, violão, baixo e bateria.

Neste artigo relata-se a experiência do ensino e aprendizagem de instrumentos musicais por meio de vídeos. A escolha do repertório se deu pela divisão dos grupos de alunos e dos seus interesses na pesquisa de algum estilo/gênero musical. Entende-se estilo e gênero musicais como sinônimos e que representam o agrupamento de cantores ou bandas com características musicais e extramusicais semelhantes. Os elementos musicais são aqueles diretamente relacionados à música, ou seja, o ritmo, a melodia, a harmonia, os instrumentos musicais, a maneira de cantar e as letras. Os extramusicais estão relacionados ao modo de pensar e agir do cantor ou da banda, à maneira de vestir, ao contexto social e cultural entre outros aspectos.

O repertório escolhido também teve como ponto de partida a análise das práticas musicais informais, percebidas nas primeiras aulas, por meio do diálogo e da observação. Como havia muitos alunos que não tinha qualquer contato com um instrumento musical, o repertório contemplou a busca por vídeos com versões simplificadas dos arranjos das músicas e que se intitulavam “aprenda a tocar um instrumento musical – primeira aula”, por exemplo. Os alunos também participaram da escolha das músicas,

indicando videoaulas de fácil aprendizagem e que já tinham experimentando anteriormente.

Foram então baixados os vídeos do *YouTube*, por meio de um *software* gratuito de download, as videoaulas das seguintes músicas: *Beat it*, de Michael Jackson, aula de bateria; *Twist and shout*, de Phil Medley e Bert Russell, versão do Beatles, aula de teclado; e *Te esperando*, de Luan Santana, aula de violão.

Todos os vídeos foram escolhidos da página de videoaulas do Cifra Club, por apresentarem *riffs* fáceis de executar por alguém que ainda não experimentou tocar um instrumento. Um *riff*, de modo geral, constitui-se por uma progressão de acordes, de intervalos ou de notas musicais que são repetidas mais de uma vez no decorrer de uma música, podendo formar uma base ou um acompanhamento (harmônico, melódico e/ou rítmico). *Riffs* formam a base harmônica de músicas de jazz, blues e rock e são, na maioria das vezes, frases compostas para guitarra elétrica ou para outros instrumentos, como baixo, piano, teclados, órgão, etc. Para Green (2008), qualquer instrumento pode tocar um *riff*. Além disso, uma canção pode ser construída com múltiplos *riffs* curtos, muitos dos quais são fáceis de lembrar e tocar, dependendo de em qual instrumento é tocado. Outra razão para a escolha dos vídeos foi fundamentada na sequência didática do instrutor no vídeo, que poderia ser acompanhada passo a passo pelos alunos.

Os *riffs* dos vídeos são apresentados nas figuras 1, 2 e 3 na bateria, no teclado e no violão respectivamente:

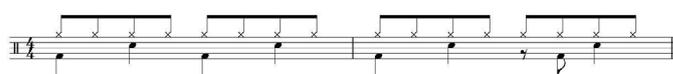


Figura 1. Riff para bateria da música “Beat it”.



Figura 2. Riff para teclado da música “Twist and shout”.



Figura 3. Riff para violão da música “Te esperando”.

A metodologia utilizada contemplou três aspectos: *i)* visualização da videoaula a partir de um projetor

multimídia; *ii*) execução nos instrumentos musicais desde a primeira vez, mas na segunda, o vídeo era parado e reprisado quantas vezes fossem necessárias; *iii*) interferência do professor, depois que os alunos tivessem a primeira experiência de tocar o *riff*.

No caso da bateria, o vídeo mostra uma notação um pouco diferente das partituras convencionais para esse instrumento – com oito linhas referentes às partes da bateria (de baixo para cima: bumbo, surdo, tom 1, tom 2, caixa, chimbau, *ride*, que é o prato de condução, e *crash*, que é de ataque) e os símbolos 0, para o bumbo e caixa, e X para chimbau e pratos. Na música escolhida, “*Beat it*”, são utilizados apenas bumbo, caixa, chimbau e *crash*. No caso do violão, é usado um esquema de setas para representar quando a batida é de cima para baixo e o contrário. Na música “*Te esperando*”, as setas do ritmo são mostradas em um compasso na figura 4:



Figura 4. Setas que indicam a batida do ritmo no violão

Nenhum dos vídeos apresenta ao aluno a partitura com os símbolos notacionais tradicionais, o método se baseia no ouvir e na visualização da *performance* do instrutor no vídeo, que é demonstrado acima da notação alternativa da bateria, das setas para as batidas do violão, das teclas com a indicação daquelas que são tocadas e do dedilhado e também, em alguns momentos, das cifras para violão e teclado acima da letra da música.

Em todas as músicas, a complexidade da escrita dos ritmos seria um fator limitante para o aprendizado das músicas, se partisse da leitura da notação convencional. Destaca-se o exemplo do violão, que possui seu ritmo organizado em três (colcheia pontuada, colcheia e semicolcheia) repetidas duas vezes, e depois em quatro (semicolcheia, semicolcheia, semicolcheia, semicolcheia), ou seja, o compasso irregular 3+3+4.

#### 4. Resultados

Deste relato foi possível perceber a aprendizagem que ocorre com os pares. Esse aspecto também é observado por Green (2001) nas práticas musicais informais de músicos populares. Os alunos que possuem algum conhecimento anterior do instrumento musical começam, sem que o professor

peça, a ajudar os que estão com dificuldades para assimilar as primeiras lições no instrumento. É interessante notar que eles assumem uma posição de liderança dos alunos e, em alguns casos, passam de aprendizes para mestres do grupo.

Muitos alunos possuem conhecimentos em música provenientes das práticas informais de aprendizagem, que têm origem na enculturação musical, ou seja, aprendem em casa com algum parente ou amigo. Em geral, esse aprendizado acontece por meio do ouvido, da visão e da imitação (GREEN, 2001). Elegem como modelo o aluno “tocador” que, em alguns casos, não tem a intenção de ensinar, mas se dispõe a demonstrar como executar, corrige erros e sugere caminhos para a execução do instrumento musical. Esse aluno geralmente é autodidata, que aprende sozinho ou com o auxílio de materiais disponíveis, principalmente, na internet. A aprendizagem por meio de vídeos do *YouTube* é um fenômeno que cresce e ganha popularidade entre os adolescentes e jovens do Ensino Médio. Pode-se também mencionar as listas de discussão, os *chats* e as redes sociais.

Esses aspectos têm sido observados nas aulas de música com os alunos do Ensino Médio, alunos ensinam e também aprendem com os outros. Ressalta-se também o encorajamento oferecido por aqueles que relatam suas tentativas, com erros e acertos, de aprendizagem do instrumento musical dentro ou fora da aula. Os alunos veem no depoimento do outro aquilo que podem realizar e se sentem capazes para experimentar.

O que foi observado a cada aula foi o desenvolvimento dos alunos nas suas *performances* musicais. A cada semana, mesmo não tendo o instrumento musical, em alguns casos, alunos relataram terem o instrumento ou pedirem emprestado, nota-se a rapidez da memorização dos acordes, das posições no teclado e no violão, e do desenvolvimento da coordenação motora para executar os ritmos na bateria e nos outros instrumentos. Alunos comentaram que procuravam os alunos que já tocavam há mais tempo para lhes ensinar a música trabalhada na sala de aula. Além disso, outros alunos levaram para casa os vídeos gravados em seu *pendrive* ou no celular, no intuito de “tirarem” a música.

## 5. Discussão e contribuições

Dois aspectos podem ser discutidos a partir deste relato: *i)* os papéis do aluno e do professor nesta era da informação, gerada pela internet; e *ii)* a formação inicial e continuada do professor de música. No primeiro aspecto, destaca-se a inversão de papéis, o professor que antes era o detentor de todo o conhecimento, torna-se aquele que gerencia o ensino e aprendizagem, podendo, em algum momento, atuar como o mestre e, em outro, como aprendiz. Uma das grandes preocupações geradas pela inversão dos papéis é o medo do professor em perder a autoridade na sala de aula; o professor não se sente seguro em deixar que a condução do processo de ensino e aprendizagem passe para seus alunos. Essa reflexão, fruto da experiência, revela os pensamentos do professor, ao delegar sua função. O que vinha à mente era: “será que os alunos vão achar que o professor é ineficiente porque não dispõe de todo o conhecimento necessário?”. Porque o professor permite que nós, alunos, “tome-se as rédeas” em alguns momentos da aula? Será que já deu o tempo de deixar os alunos comandarem ou é preciso retomar as “rédeas” a aula? Alguns desses questionamentos são discutidos por Prensky (2011), ao abordar o ensino na era das tecnologias. Saber quando é a hora de “dar a voz” ao aluno e retomá-la. Sem dúvida, a experiência no magistério por longos anos pode ser um diferencial para que os professores façam suas tomadas de decisão.

O segundo aspecto para o qual este relato contribui é a reflexão sobre a formação do professor de música. Esse professor precisa tocar todos os instrumentos musicais? Será que as habilidades e competências adquiridas com as tecnologias da informação e da comunicação (TICs), e com os recursos tecnológicos podem ser suficientes para suprir as lacunas da sua formação musical? Alguns questionamentos são mais amplos e requerem outras pesquisas. No entanto, o que se pode afirmar a partir da experiência deste relato é que essas habilidades e competências podem auxiliar na formação continuada do professor de música, que precisa dominar, ainda que superficialmente, outros instrumentos musicais de maneira a orientar e gerenciar a aprendizagem musical dos alunos iniciantes. Finalmente, conclui-se que, por meio de videoaulas da Internet, é possível planejar aulas para o aprendizado coletivo de instrumento

musical, mesmo o professor não tendo o domínio de todos os instrumentos.

## Referências

- ALVES, M. E. “Aplicabilidade do ensino coletivo de música dentro do curso técnico de instrumento musical do IFG”. Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumento Musical, 5., Goiânia, 2012. *Anais...* Goiânia: IFG, 2012.
- ARAGÃO, J. K. P. M.; ARADO, S. R. B. “Fazer música junto: ensino coletivo de canto e percussão no Projeto MUSICAR”. Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumento Musical, 5., Goiânia, 2012. *Anais...* Goiânia: IFG, 2012.
- FICHEMAN, I. K. “Ecosistemas digitais de aprendizagem: autoria, colaboração e mobilidade”. Tese (Doutorado). Escola Politécnica, Universidade de São Paulo, 2008.
- GOHN, D. M. “Auto-aprendizagem musical: alternativas tecnológicas”. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade de São Paulo, 2008.
- GREEN, L.; WALMSLEY, A. **Classroom Resources for Informal Music Learning at Key Stage 3**. 2006. Disponível em: <[www.musicalfutures.org/PractitionersResources.html](http://www.musicalfutures.org/PractitionersResources.html)>. Acesso em: 10 abr. 2010.
- GREEN, L. **How popular musicians learn**. England, Aschgate, 2001.
- GUIMARÃES, C. “Marc Prensky: o aluno virou especialista”. In: **Revista Época**, Rio de Janeiro, v. 634, 10 jul. 2010. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI153918-15224,00-MARC+PRENSKY+O+ALUNO+VIROU+O+ESP ECIALISTA.html>>. Acesso em: 23 mar. 2012.
- MALAQUIAS, D. R. “A cifra já peguei, e agora como faço a batida”? Uma proposta metodológica para o ensino coletivo de violão com foco no acompanhamento rítmico. Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumento Musical, 5., Goiânia, 2012. *Anais...* Goiânia: IFG,

2012.

PRENSKY, M. "The role of technology in teaching and the classroom". *In: Educational Technology*, v. 48, n. 1, 2008. Disponível em: <[www.marcprensky.com/writing/Prensky-The\\_Role\\_of\\_Technology-ET-11-12-08.pdf](http://www.marcprensky.com/writing/Prensky-The_Role_of_Technology-ET-11-12-08.pdf)>. Acesso em: 11 jan. 2011.

\_\_\_\_\_. "Digital Natives, Digital Immigrants - part 1". *In: On the Horizon*. NCB University Press, n. 5, v. 9, out/2001. 9, p. 1-6, 2001.

RIFF. *In: Wikipedia*: a enciclopédia livre. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Riff>>. Acesso em: 25 jul. 2015.

SÁ, F. A. da S. "A construção de um repertório atrativo e eficaz para o ensino coletivo de violão: uma experiência". Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumento Musical, 5., Goiânia, 2012. *Anais...* Goiânia: IFG, 2012.

SOARES, M. L. da R. "Aulas de instrumentos musicais em grupo: uma proposta a partir do conceito de zona de desenvolvimento proximal de Vygotsky". Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumento Musical, 5., Goiânia, 2012. *Anais...* Goiânia: IFG, 2012.

SANTAELLA, L. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

STOWELL, D.; DIXON, S. "MIR in school? Lessons from ethnographic observation of secondary school music classes". *In: International Society for Music Information Retrieval*, 12., 2011, Florida. *Proceedings...* Florida: University of Miami, 2011. p. 347-352.

SWANWICK, K. **Ensinando Música Musicalmente**. Tradução de Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo: Moderna, 2003.

VERASZTO, E. *et al.* "Tecnologia: buscando uma definição para o conceito". *In: Revista Prisma.com*. Ed. nº 7, 2008. p. 60-85.

ZANETINE, L. P.; BORGES, J. Apresentação da série didático-musical "Educação Musical através do Teclado" (EMaT) para o ensino coletivo de piano. Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumento Musical, 5., Goiânia, 2012. *Anais...* Goiânia: IFG, 2012.